



ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES

XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Manoel Silvestre Friques

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio

Por uma história do medium: técnicas, convenções e improviso.

Observa-se a transversalidade de um conceito ao longo do percurso intelectual da crítica de arte norte-americana Rosalind Krauss. Trata-se do medium. Longe de ser reduzida a uma regra ou convenção estilística, esta noção aparece nos ensaios da autora como um problema que se atualiza a cada etapa de seu exercício crítico. Como se sabe, Krauss, logo na primeira década de sua trajetória, nos anos 70, realiza um questionamento radical do sistema crítico formulado por Clement Greenberg, para quem a autonomia da arte deveria ser garantida pela pureza do medium. No caso da pintura, por exemplo, os aspectos plásticos deveriam ser enfatizados por meio dos instrumentos específicos e intransferíveis desta manifestação artística. Em Krauss, o abandono da visão greenberguiana não conduziu, como se poderia supor, a uma total rejeição do termo.

À pureza técnica que encerrava o medium, a crítica responde com uma tripla condição que o caracteriza. Partindo da reavaliação proposta pelo filósofo Stanley Cavell, Krauss aborda o medium como um aparato complexo que envolve aspectos técnicos, convenções artísticas e liberdade de criação (improviso). Se tal definição escapa da armadilha utilitarista ao evitar reduzir o medium a mero suporte técnico para a obra, ela não consegue fugir do confronto com as poéticas artísticas contemporâneas. Neste ponto que se deve considerar a tarefa arriscada e corajosa a que se propôs Krauss em seus anos dedicados à crítica de arte. Pois, ao invés de considerar as obras como demonstrações do medium, a autora põe à prova tal noção a fim de testar a sua sobrevivência.

O objetivo da presente pesquisa parte precisamente deste esforço da crítica: verificar, ao longos dos ensaios de Rosalind Krauss, as transformações da noção de medium. Para isso, serão consideradas suas últimas obras, como *A Voyage on the north sea* (1999), *Reiventing the Medium* (1999), *Perpetual Inventory* (2010) e *Under Blue Cup* (2011), onde se encontra de modo explícito uma discussão a respeito do tema, bem como ensaios mais antigos publicados nos anos em que a crítica esteve vinculada à revista *Artforum*. Espera-se, por fim, observar também as razões e possibilidades do fazer crítico na contemporaneidade.